

A decadência de um espaço aristocrático

Jockey Club não sedia corrida há 6 meses e deixa 40 desempregados

Nas baias do Jockey Club de Brasília é mais fácil encontrar galinhas que cavalos. O clube, localizado entre a avenida Estrutural e a Estrada Parque de Taguatinga, está abandonado - sem corridas - há mais de seis meses. Os proprietários de cavalos de corrida levaram seus animais para Goiânia, São Paulo e Rio de Janeiro.

Nas 175 baias da vila do Jockey, hoje apenas 16 cavalos de corrida ocupam alguns pavilhões. As corridas, que eram realizadas todos os domingos, foram interrompidas - e os últimos páreos só ocorreram porque alguns proprietários e tratadores se organizaram e colocaram na pista os cavalos restantes.

Desde sábado passado, porém, nem as corridas improvisadas poderão ser levadas adiante: o único trator do local, usado para arrumar a pista de corrida, foi leiloado e levado embora. "É impossível trabalhar dessa forma", reclama o treinador Bartolomeu José Naves Braz.

Sem montaria, além do fim dos páreos, não existe mais trabalho para os quase 40 funcionários que vivem na vila do Jockey Club com suas famílias. Cerca de 150 pessoas moram no local, segundo Bartolomeu, que já dirigiu ali uma cooperativa de trabalho. "Estamos passando fome; não temos o que dar de comer aos nossos filhos", conta o tratador Alfredo Lopes da Silva, que mora há mais de 30 anos no

Jockey Club.

A energia elétrica também foi cortada por falta de pagamento e os profissionais da vila e antigos proprietários se cotizaram para quitar na CEB a dívida de dois meses. "Sem eletricidade, não podemos bombear a água do poço que abastece a vila e o clube", explica Alfredo.

Ele lembra da época em que não havia lugar suficiente para todos os animais do clube. "Hoje, tenho de procurar cavalos de montaria para sobreviver", diz. No pavilhão onde Alfredo mora, ainda existem alguns cavalos - ao contrário de outros, onde o que se pode ver, hoje, são apenas galinhas e patos.

O jóquei José Pereira, o JP Santos, teve de mudar de profissão. Agora, ele trabalha em uma chácara, capinando. "Minha mão está cheia de calos. Enquanto não houver corrida, vou me virando como posso", diz José. Um dos treinadores da vila afirma que, no auge do Jockey Club, era possível ganhar até R\$ 1.500 por mês.

Agora, nem a carreta utilizada para levar embora o lixo e o estrume dos animais funciona mais. "É o símbolo do descaso da diretoria com o clube", denuncia JP Santos.



O Jockey Club abandonado: antes, corridas todos os domingos

Hoje, as baias do Jockey estão vazias: em vez de cavalos, galinhas



JP Santos, jóquei profissional: obrigado a trabalhar como jardineiro

"Estamos passando fome; não temos o que dar de comer aos nossos filhos"

Alfredo Lopes da Silva,
tratador que mora há mais de 30 anos no Jockey Club

"A culpa é da diretoria"

Os profissionais do Jockey Club de Brasília acusam a atual diretoria pelo atual estado de abandono do local. Segundo os treinadores e tratadores da vila, o presidente, o tesoureiro e o vice-presidente estão interessados no valor do terreno - já que a localização do Jockey Club é privilegiada e seu espaço cobiçado pelo setor imobiliário da cidade.

Os diretores assumiram os cargos pela primeira vez em 2001 e foram reeleitos este ano para uma nova gestão até 2006. Um dos compromissos da chapa era reerguer a arquibancada da pista, mas a obra não foi concluída.

"Passamos por uma situação financeira difícil, não te-

mos patrocínio", explica o atual presidente, Valdir Santos Gomes. As corridas, segundo Santos Gomes, são dispendiosas. Para cada reunião, com quatro ou cinco páreos, são necessários R\$ 2 mil. "O clube não tem esse recurso", explica.

Nelson Zavaris, membro da diretoria que se opõe aos colegas, apresentou ao presidente Valdir uma proposta

de assumir a direção e trazer de volta os páreos dominicais dentro de 15 dias. "Os antigos proprietários prometeram retornar à cidade assim que a diretoria renunciar", explica Nelson. Sua proposta foi recusada pela direção em uma reunião na última segunda-feira.